

A LITERATURA BRASILEIRA E A AMÉRICA HISPÂNICA

Lígia Vassallo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A literatura brasileira se faz presente na América Hispânica basicamente através da tradução. Esta, por sua vez, prende-se a um encontro de culturas, orais ou escritas, fato que aliás tem ocorrido na América, sobretudo após a chegada dos europeus, ao menos para os efeitos que nos interessam. Os conquistadores, ao chegar aqui, buscavam os "línguas" ou intérpretes, mediadores às vezes nativos, muitas vezes crianças ou degredados, deixados à própria sorte, para se integrar ao meio e aprender os hábitos e idiomas dos autóctones. Assim fizeram jesuítas e portugueses no Brasil; assim fizeram os espanhóis no México, em especial Hernán Cortés e La Malinche – a famosa tradutora/*traditora* tão mal interpretada.

Entre os dois idiomas praticados na América Latina jaz um implícito: é que somos até hoje herdeiros do Tratado de Tordesilhas, inclusive no ponto de vista lingüístico. Por esse instrumento, como sabemos, cada parte sul-americana coube a um rival da Península Ibérica, de modo que os dominados tiveram que se haver com os novos senhores. Isto ocorreu verticalmente, porém jamais horizontalmente, entre os que se encontravam submetidos à mesma subjugada condição. Entretanto, antes desses amos europeus divisores de águas e terras, duran-

te tempos sem conta o Peabiru ou Caminho dos Incas estabeleceu ramificadas conexões desde a Cordilheira dos Andes até as vizinhanças do Oceano Atlântico, nas cercanias da posterior capitania de São Vicente, hoje São Paulo; mas os interesses políticos da posse da terra, na colonização, trataram de logo bloquear esse perigoso vaso comunicante.

Ao fim e ao cabo, fora as zonas fronteiriças, de maneira geral os herdeiros de Tordesilhas mais facilmente se comunicavam com as matrizes européias do que com os próprios vizinhos, tão perto e tão longe, tão próximos e tão distantes. No meio do continente austral, a selva reforça a barreira entre as duas línguas européias e seus falantes no hemisfério sul.

Não queremos com isso advogar em nome da incomunicabilidade entre a América Hispânica e o Brasil, até porque isso não seria verdadeiro; mas as trocas existentes são poucas e não operam na mesma sintonia. Ou seja, não há reciprocidade. Nos países de língua espanhola, o Brasil é bastante conhecido pelos canais ligados à cultura de massa – esportes, cinema, música popular, telenovelas –, mas isso não faz os receptores conhecerem a alta cultura, exceção feita a alguns intelectuais, como era de se esperar. Dentre eles, ressalta-se o argentino Mempo Giardinelli, para quem “os escritores brasileiros foram constitutivos do autor que [ele é] hoje” (entrevista a Nina Cândida, *Jornal do Brasil*, 7/6/2003). Caso extremo é o de Mario Vargas Llosa, cujo romance *A guerra do fim do mundo* (1981) trabalha sobre matéria brasileira, o episódio de Canudos e o livro de Euclides da Cunha.

Por outro lado, diferentes gerações, ao longo do século XX, se deleitaram no Brasil com cantores, músicas e bailantes ritmos “latinos”, todos consumidos no idioma original, ainda que estropiado. Foi assim que os auriverdes pavilhões auriculares acolheram sucessivas ondas sonoras transmissoras de tangos e mambos, rumbas e boleros, chá-chá-chás e assim por diante, sem pretendermos a exaustão. Desse modo, na era do rádio, os brasileiros encharcaram seus lenços com a novelesca problemática de Albertinho Limonta e *O direito de nascer*, ao passo que, uma geração mais tarde, a televisiva *A escrava Isaura* arrancou lágrimas dos hispano-americanos, depois que os jovens tinham se deleitado com a Bossa Nova e o Cinema Novo.

Hoje, a barreira parece mais diluída, pois Roberto Carlos e Caetano Veloso cantam em espanhol, enquanto o espanhol Julio Iglesias o faz em português. 2 a 1, já é algo. Tal situação faz lembrar que os brasileiros conseguem ler e entender o espanhol, mas a recíproca não é verdadeira. Os brasileiros começaram a encarar a América como um todo desde o início do século XX, mas os hispânicos só chegaram a essa posição várias décadas mais tarde.

Muito mais do que isso, porém, a diferença maior entre os dois grupos lingüísticos e culturais analisados, os dois lados de Tordesilhas, é que, desde o *boom* da literatura hispano-americana, ela tem sido de modo geral publicada no Brasil no mesmo momento de seu lançamento internacional, fato sem equivalente no campo inverso. Um exemplo da falta de sintonia é que só recentemente, ao final do século XX, Machado de Assis está sendo descoberto entre os hispânicos e aliás entre os anglosaxões também, como se percebe no recente ensaio crítico-biográfico sobre o Bruxo do Cosme Velho, feito pelo chileno Jorge Edwards (entrevista a Marcos Flamínio Peres, *Folha de São Paulo*, 27/4/2003).

É bem verdade que infelizmente, para seus falantes, “a última flor do Lácio, inculta e bela” não integra o quinteto oficial da ONU, não sendo portanto considerada uma “língua de cultura”. O pior é que com isso, para perda de todos, a literatura brasileira se mantém isolada e desconhecida, donde fora do circuito internacional, como assinala o catedrático de literaturas de língua portuguesa da Universidade de Barcelona, professor Basílio Losada, em entrevista a Cristiane Costa (*Jornal do Brasil*, 29/3/2003). Ele sabe bem o que diz, uma vez que traduziu do português para o espanhol cerca de 150 livros bem como introduziu a literatura contemporânea de Portugal e do Brasil na Espanha, nos anos 1950.

A mesma afirmação de que a língua portuguesa é pouco conhecida é referendada indiretamente pelo conhecido crítico norte-americano Harold Bloom, que, como tantos dedicados brasilianistas europeus e norte-americanos, aproximou-se do português a partir do espanhol (entrevista a Cassiano Elek Machado, *Folha de São Paulo*, 3/5/2003). Na recentíssima publica-

ção de 2003, *Gênio*, ao indicar sua lista de 100 grandes literatos de todos os tempos, arrola um único autor de literatura brasileira, o arquiclássico Machado de Assis, para ele “o gênio da ironia” e “o maior literato negro [...] da história da literatura universal” (sic). Em sua companhia, três ases mortos e um coringa vivo: Camões, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa e José Saramago – este último, aliás, elogiadíssimo pelo citado Bloom.

De todo modo, pouco ou muito, qualquer projeção adquirida pelas literaturas de língua portuguesa é benéfica para ambas, porque lhes aumenta a visibilidade. Esta parece enfim começar a despontar, como se percebe, entre alguns sintomas, com o livro de Bloom e as premiações internacionais, como o Prêmio Nobel atribuído ao luso José Saramago há pouco tempo e o recentíssimo Prêmio Internacional Menéndez Pelayo, que acaba de ser outorgado pelos espanhóis à brasileira Nérida Piñon, de origem galega (Boechat, in *Jornal do Brasil* 7/6/2003, p. A13).

Do ponto de vista da visibilidade, evoquemos o escritor e acadêmico Paulo Coelho e a tradução espanhola de seus livros, mas o Mago *best-seller* talvez seja mais apreciado internacionalmente pelo esoterismo de seus temas do que propriamente por motivos de brasilidade. Na geração anterior à desses escritores, um único nome era bastante conhecido fora do país, o que significa amplamente traduzido nos países de fala espanhola: Jorge Amado, que algumas vezes esteve até mesmo na expectativa de ser indicado para o Prêmio Nobel. Mas talvez o escritor baiano fosse difundido não só por seus dotes novelescos de exímio narrador e sim em parte, também, por uma certa imagem de exotismo e sabor local veiculadas em suas narrativas ou até mesmo pelo enfoque político de algumas delas.

É interessante comparar a situação de Paulo Coelho e Jorge Amado sob o ponto de vista das edições em espanhol. O criador de *Gabriela, cravo e canela* está traduzido em sete países da América Hispânica e em 16 editoras espanholas, sendo 13 de Barcelona. Essa constelação contrasta com a concentração editorial das obras do Mago, publicadas basicamente em grande tiragem por um único centro, fato que aponta para a problemática da globalização e da diferença de gerações.

Nosso estudo sobre a recepção da literatura brasileira nos países de língua espanhola retoma de algum modo uma pesquisa anterior sobre o ensino da literatura brasileira nas Américas, uma vez que os dois temas se entrecruzam. Naquele artigo (Vassallo, 2000) observamos que de maneira geral as instâncias universitárias que tratam dessa matéria no exterior abrigam estudos lusófonos e hispanófonos, embora os programas das respectivas disciplinas se mantenham estanques, tal como a atitude intelectual dos mesmos docentes.

No mesmo texto apontamos ainda algumas ações tanto individuais quanto institucionais que buscam integrar esses dois universos lingüísticos e culturais, remontando a 1905, ano em que são publicadas três obras brasileiras ainda atuais, que felizmente estão sendo resgatadas. Trata-se de *A América Latina*, de Manuel Bonfim, bem como o *Pan-americanismo e América Latina e América Inglesa: a evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*, ambas de Manuel de Oliveira Lima. Outro tratado de integração consiste no clássico *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936).

Consta que a resposta hispano-americana sobre a integração surge pela primeira vez em 1949, com *Las corrientes literárias en América Hispánica*, livro do dominicano Pedro Henríquez Ureña que registra conferências realizadas nos Estados Unidos entre 1940-1941. Coincidentemente, no mesmo ano de 1949, o poeta Manuel Bandeira edita no Rio de Janeiro sua *A literatura hispano-americana*, contendo o curso que ministrava na então Universidade do Brasil. Porém um levantamento mais circunstanciado sobre os estudos que apresentam uma visão integrada das duas partes da América Latina deve-se a Jorge Schwartz e intitula-se apropriadamente “Abaixo Tordesilhas”.

É imprescindível apontar alguns casos exemplares, geradores de férteis produtos intelectuais integradores, como a amizade entre brasileiros e hispânicos. Evoquemos a esse respeito o trabalho conjunto de Antonio Candido e Angel Rama, que induziu o primeiro a escrever “Literatura y subdesarrollo” (1969), integrado à obra fulcral *América Latina em su literatura*, patrocinada pela UNESCO, e de outro lado levou o crítico uruguaio a lecionar na Universidade de Campinas e a publicar na revista

Argumento, dirigida pelo brasileiro. Aliás, outro uruguaio, Emir Rodríguez Monegal, também teve papel de destaque na integração latino-americana, tanto por seus escritos críticos quanto por sua amizade com brasileiros, dentre eles o poeta, crítico e tradutor Haroldo de Campos. Assinale-se, por fim, a grande aproximação entre este último escritor e autores do porte de Octavio Paz, Lezama Lima, Severo Sarduy e Manuel Puig, contato que com certeza deve ter-lhe fornecido dados para seu ensaio *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana* (1977).

Incluem-se nesse empenho não só as revistas associadas ao meio universitário, listadas em anexo, como também alguns esforços editoriais, apontados ao longo desse artigo e ao seu final. Destaque-se a contribuição de Monte Ávila Editores, de Caracas, que nos distantes anos 1970 traduzia Clarice Lispector, enquanto na década subsequente a Editorial Fundarte dava a conhecer vários poetas brasileiros no mundo hispano-americano: João Cabral de Melo Neto, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant'Anna.

As ações individuais empenhadas no estudo dos pontos de convergência da América Latina têm sido constantes ao longo do século XX, ao passo que as ações institucionais em prol de um tratamento não excludente iniciam-se, ao que parece, nos anos 1960. Assim, a primeira referência se volta para a Casa de las Américas, de Cuba, que desde 1963 edita obras dos dois blocos lingüísticos em sua coleção *Literatura Latino-Americana*, além de outorgar um prêmio para obras redigidas em português do Brasil.

Outra instituição de peso, a UNESCO, atua nesse sentido desde 1966, mediante sua resolução no. 3325, inscrita na XV Conferência Geral, pela qual instaura o estudo das culturas da América Latina através de suas manifestações literárias e artísticas. Daí resultam vários colóquios e publicações, como os trabalhos organizados por César Fernandez Moreno. Por outro lado, sob os auspícios da mesma instituição elabora-se um grandioso projeto apoiado pela Associação Internacional de Literatura Comparada – AILC –, idealizado por Angel Rama, Antonio Candido e Ana Pizarro. Além dessas instituições, assinale-se a preocupação da Associação Brasileira de Literatura Com-

parada – ABRALIC –, fundada em 1988, em cujos congressos nacionais ou internacionais sempre se abre espaço para o comparatismo entre a literatura brasileira e a hispano-americana.

No âmbito acadêmico surgiram iniciativas de grande valor, duas delas dedicadas a difundir a literatura brasileira no meio hispânico e a terceira no sentido inverso. Trata-se da criação da cátedra Guimarães Rosa na prestigiosa Universidade Autônoma do México (UNAM), nos anos 1980, e, na década seguinte, do GILBRA – Grupo de Investigación en Literatura Brasileña – da Universidade de los Andes, Mérida, Venezuela; a eles se junta o Centro de Estudos Latino-americanos Angel Rama, da Universidade de São Paulo, estruturado desde 1988, que é responsável por encontros, projetos docentes e editoriais, com a publicação de obras coletivas.

No âmbito político também se desenvolvem iniciativas significativas, como a criação do Memorial da América Latina na cidade de São Paulo, durante os anos 1980. Situado numa confluência entre o cultural e o político, pretende valorizar as causas e os projetos que envolvem a América Latina como um todo.

Para a presente análise foi preciso levar em conta esses dados prévios indispensáveis, de modo a torná-la mais adequada às necessidades envolvidas. Isto é, resumindo: circunstâncias históricas e políticas patrocinaram a pequena reversibilidade na comunicação entre os vizinhos, sendo a existente restrita e quase que unilateral, o que talvez se deva em parte às falhas no conhecimento e no ensino da literatura brasileira no exterior; além disso o isolamento dela se reforça pela falta de visibilidade internacional da língua portuguesa.

Para sugerirmos ações que venham a colocar melhor a literatura brasileira na América Hispânica, convém nos determos no *corpus* analisado. Considerando-se que o campo de trabalho é imenso, nosso estudo não pode ser histórico nem quantitativo; por isso, buscamos antes assinalar tendências do que chegar à exaustividade ou a categorias rigidamente demarcadas, levando-se em conta a abrangência do *corpus* potencial.

Analisamos um conjunto que se compõe basicamente do rico acervo sobre o Brasil que encontramos na Universidade de

los Andes, Mérida, Venezuela, aonde estivemos ministrando curso de pós-graduação no final de 2001. Esse acervo foi especialmente constituído para a biblioteca do GILBRA (Grupo de Investigaciones en Literatura Brasileña) pela professora Yhana Riobueno, a qual me facultou também o contato com sua coleção particular. A ela envio de público meu reconhecido agradecimento, além de louvar seu esforço pela divulgação da literatura brasileira em seu país, missão que realiza junto com a professora Margara Russotto, da Universidade Central de Caracas, ex-aluna do professor Antonio Candido na Universidade de São Paulo.

Acrescento a esse núcleo básico alguns catálogos de importantes editoras latino-americanas, conhecidas por incluírem obras brasileiras desde sua concepção e planejamento: a coleção internacional Archivos, com patrocínio da UNESCO, que faz cuidadosa edição de obras em sua língua original, o que inclui obviamente o português do Brasil; a Biblioteca Ayacucho, criada em Caracas pelo intelectual uruguaio Angel Rama; a cubana Casa de las Américas, com sua revista homônima; a editora mexicana Fondo de Cultura Económica, com sua coleção Tierra Firme; a venezuelana Monte Ávila. Também tivemos acesso a autores amplamente divulgados no país e no exterior, como Jorge Amado, cujo acervo da Fundação Casa Jorge Amado foi-nos gentilmente franqueado pela sua diretora, senhora Myriam Fraga; no mesmo caso usamos também dados fornecidos pelo escritor Paulo Coelho. Além disso consultamos ainda catálogos de pequenas editoras brasileiras e hispano-americanas; informações obtidas na Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro (maio 2003) e através da internet; finalmente, incluímos também matéria divulgada na imprensa brasileira, em especial no *Jornal de Brasil* e na *Folha de São Paulo*, veiculando o interesse de intelectuais hispano-americanos pela literatura brasileira.

Agrupamos o material analisado em certas categorias, o que nos dá ensejo a interessantes constatações quanto ao tipo de publicações com que nos deparamos. São eles:

1. DOIS EXCELENTES DICIONÁRIOS LITERÁRIOS. Um é conhecido como DELAL – o *Diccionario enciclopédico de*

las letras de América Latina, 1995, 3 volumes, publicado pela Biblioteca Ayacucho em associação com a editora Monte Ávila, de Caracas. Foi projetado para conter verbetes de literatura brasileira, da qual há cerca de 220 entradas, aproximadamente a mesma quantidade que existe no *Dictionnaire des littératures*, Paris, Larousse, 1986, 2 volumes. Nota-se aí portanto um certo padrão comum ao de uma prestigiosa casa editora europeia. O segundo, organizado por América Díaz Acosta e outros, intitula-se *Panorama histórico-literário de nuestra América*, La Habana, Casa de las Américas, 1982, v. 1: 1900-1943, v. 2: 1944-1970.

2. **LINHAS EDITORIAIS**, como as citadas Biblioteca Ayacucho, da Venezuela; as coleções Archivos, da UNESCO, e Tierra Firme, da editora mexicana Fondo de Cultura Económica; as diferentes coleções e premiações da Casa de las Américas de Cuba, instituição bastante ativa em propiciar contatos com a literatura do Brasil. Incluo ainda em menor escala o Centro Editor de América Latina e Ediciones de la Universidad de Buenos Aires, ambos da última cidade; por fim a Editorial Universitaria, de San José, Costa Rica.
3. **ANTOLOGIAS**, como a *Antología general de la literatura brasileña*, da professora brasileira Bella Jozef, 1995 (Fondo de Cultura Económico, colección Tierra Firme), e a do chileno Jorge Edwards, *Machado de Assis*, publicada na Espanha (Omega, 1998).
4. **NÚMEROS MONOGRÁFICOS DE REVISTAS**, editadas em diferentes épocas, países e instituições: *Actual*, *Eco*, *Escritura*, *Revista de Crítica Literária Latino-americana*, *Revista Ibero-americana*, para só mencionar alguns títulos.
5. **REVISTAS** incluindo sempre artigos de brasileiros, de e/ou sobre o país de origem. É o caso da revista *Casa de las Américas*, de La Habana, que publica em um de seus números um texto básico para nosso tema, o artigo de Jorge Schwartz, "Abaixo Tordesilhas".

6. **ENSAIOS** de três tipos: a) alguns traduzidos do português – em geral obras básicas e clássicas para o conhecimento do Brasil, sua cultura e literatura – a saber as de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Joaquim Nabuco e Silvio Romero, entre outras; b) outros escritos especialmente para o público-alvo da América Hispânica, como me parece ser o caso de Antonio Candido, Darcy Ribeiro, Jorge Schwartz; c) outros ainda que são o produto dos estudos de hispano-americanos – como Horácio Costa, Jorge Edwards e outros.
7. **EDIÇÕES BILÍNGÜES** com patrocínio institucional, como a antologia de contos brasileiros e argentinos organizada por Violeta Weinschelbaum, *Vinte ficções breves*, publicada em Brasília pela UNESCO, em 2002. Também a antologia bilíngüe de contos do escritor gaúcho Cyro Martins, *Campo fora/Campo afuera*, editada em Porto Alegre, em 2000, pelo Instituto Estadual do Livro/ Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins. Outro exemplo a ser citado é a obra *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*, organizada pelo crítico uruguaio-brasileiro Raúl Antelo, a qual acaba de ser publicada pelo Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana da Universidade de Pittsburgh, EUA (*Jornal do Brasil*, 21/6/2003, caderno Idéias, p. 5).
8. **EDIÇÕES** de consulados e embaixadas do Brasil (Buenos Aires) e de entidades culturais, como a Universidade do Chile, a Universidade de los Andes, a Universidade Central de Venezuela, a Cátedra Guimarães Rosa, no México.
9. **TRADUÇÕES ESPARSAS** em diferentes editoras e cidades, ao lado de publicações concentradas seja em algumas editoras, seja no parque gráfico de algumas cidades, como Barcelona, Madrid, México DF, Buenos Aires (ver os quadros em anexo). Mas com a globalização em marcha, é de se supor que muitas pequenas ou gran-

des editoras americanas desapareçam, sendo assimiladas pelo parque editorial espanhol, especialmente grande em Barcelona.

10. **A LITERATURA NOVELÍSTICA TRADUZIDA** (conto, novela, romance), numericamente predominante sobre as outras modalidades citadas, sobrepuja largamente as traduções de poesia (João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Mário de Andrade), fato que talvez em parte se deva às dificuldades inerentes à tradução de poemas.

A análise destas categorias de publicações, com suas tendências manifestas ou implícitas, permite-nos algumas reflexões capazes de nos orientar em direção a certas sugestões e conclusões. São elas:

a) Elaboração de uma política cultural para a divulgação da literatura brasileira na América Latina

Quer-nos parecer que as publicações brasileiras na América Hispânica resultam muito mais de um espontaneísmo dos que as produziram do que de uma política cultural consciente por parte das autoridades brasileiras, já que aparentemente não há nenhuma interferência destas naquele processo. Essa linha deveria, portanto, ser elaborada e estimulada.

b) Criação de espaços para a literatura brasileira no exterior

Como parte dessa política cultural, seria de desejar a ênfase na criação de leitorados de cultura e literatura brasileiras na América Latina, segundo o molde do que fazem na Europa as instituições portuguesas; o estímulo aos Institutos de Estudos Brasileiros, geralmente ligados às Embaixadas e Consulados; o fomento aos cursos de língua portuguesa nas escolas secundárias da América espanhola, tal como tem sido feito nos países do MERCOSUL.

c) Formação de formadores e multiplicadores

A política cultural a ser estabelecida incluiria também a vertente da formação de formadores e multiplicadores, através da

captação de estudantes hispano-americanos, que teriam uma linha diferenciada para o ingresso nos cursos de Pós-Graduação em Letras no Brasil, especialmente Literatura Brasileira. A Venezuela nos serve de exemplo quanto à pertinência do procedimento.

d) Estímulo às iniciativas existentes e por surgir

Seria igualmente muito desejável o estímulo e apoio às oportunidades já existentes, por parte de agentes culturais os mais diversos, institucionais, públicos ou privados – agentes literários, adidos culturais, universidades, professores, jornalistas, etc., incluindo-se aí o apoio da UNESCO, Ministério das Relações Exteriores, etc. Dentre elas seria fundamental estimular e apoiar os congressos internacionais, que já oferecem oportunidade de intercâmbio entre profissionais das duas literaturas, a exemplo de ICA (Congresso Internacional de Americanistas), LASA (Latin America Studies Association), os da Casa de las Américas, entre outros, como a da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada). Sugiro ainda o apoio constante a instituições onde se estuda a literatura brasileira na América Latina: Cátedra Guimarães Rosa, no México, Instituto de Investigaciones Literárias Gonzalo Picón Febres, de Mérida, e Universidade Central de Caracas, ambos na Venezuela; Instituto de Literatura y Lingüística, em La Habana, entre outros de mesma natureza.

Talvez fosse o momento de se propor alguma contrapartida às grandes editoras estrangeiras que se instalem no Brasil, como a espanhola Planeta, solicitando-lhes a publicação de obras brasileiras em seus países de origem.

e) Divulgação das iniciativas existentes: banco de dados on-line

As informações que existem estão espalhadas e são de difícil acesso. A criação de um banco de dados *on-line* que listasse as iniciativas existentes facilitaria os contatos e intercâmbios. No tocante às publicações existentes, isso poderia não só auxiliar a divulgação do que já existe como principalmente evitar redundâncias e sugerir o aparecimento de outras iniciativas pertinentes. Esse banco de dados incluiria também as instituições

de ensino de língua e literatura brasileira nas Américas, bem como informações sobre os tradutores.

Por fim concluímos que a situação é menos catastrófica do que parece, embora ainda haja muito o que fazer para estimular o conhecimento da literatura brasileira junto a nossos irmãos latino-americanos. Esta situação, porém, não é isolada do contexto, como aludimos no início. Por isso, acreditamos que para produzir um *boom* da literatura brasileira na América seriam necessárias basicamente duas circunstâncias: uma política cultural consciente e conseqüente e, mais do que tudo, um esforço concentrado do país para adquirir sua maioridade econômica e política, ocupando uma posição mais compatível e mais unida a seus coirmãos hispano-americanos. Com tais votos podemos concluir voltando ao princípio, propondo um viva ao Peabiru e, mais uma vez, abaixo Tordesilhas.

OBRAS CITADAS

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da História da Literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

COSTA, Cristiane. "A Literatura Brasileira está fora do circuito internacional". *Jornal do Brasil*, 29/3/2003, Caderno Idéias, p. 3. Entrevista a Basílio Losada.

MACHADO, Casiano Elek. "A taxonomia de Harold Bloom". *Folha de São Paulo*, 3/5/2003. Folha Ilustrada, p. 1. Entrevista a Harold Bloom.

NINA, Cláudia. "Mais opções para os leitores". *Jornal do Brasil*, 24/4/2003, Caderno B, p. 1. Sobre a editora espanhola Planeta no Brasil.

_____. "A violência é provocativa". *Jornal do Brasil*, 7/6/2003. Idéias, p. 3. Entrevista a Mempo Giardinelli.

PERES, Marcos Flaminio. "O Machado de Assis latino-americano". *Folha de São Paulo*, 27/4/2003, Caderno Mais!, p. 3. Entrevista ao chileno Jorge Edwards, autor de livro sobre Machado de Assis.

SCHWARTZ, Jorge. Abajo Tordesilhas. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, abr.-jun. 1993, n. 191, p. 26-35.

VASSALLO, Ligia. La Literatura Brasileña y los estudios literários latino-americanos. *Actual: Literatura Brasileña: acercamientos críticos*. Mérida, Venezuela, no. 44, sept.-dic. 2000, p. 11-24.

ANEXOS

I - EDIÇÕES CASA DE LAS AMERICAS, LA HABANA, CUBA

A – Coleção "Prêmio":

AFONSO, Otávio. *Ciudad morta*. Poesia.

BERNARDES, Carmo. *La resurrección de un cazador de gatos*. Conto.

CARVALHO, André. *Cubalibre*. Romance.

CHIAPPINI DE MORAES, Ligia. *Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado*. Ensaio.

COSTA FERNÁNDEZ, Ronaldo. *El muerto solidário*. Romance.
 COUTINHO, Edilberto. *Maracanã, adeus*. Conto.
 GRAMMONT, Guiomart de. *El fruto de tu vientre*. Conto.
 MACHADO, Ana Maria. *De olhos nas penas*. Infante-juvenil.
 PELLEGRINI, Marcos A. *Wadubari*. Testemunho.
 SANT'ANNA, Romildo. *Silva/selva*. Cuadros y libros (Estudios sobre un artista guajiro). Ensaio.
 SCLIAR, Moacyr. *La oreja de Van Gogh*. Conto.
 SILVA, Deonísio da. *¡Adelante, soldados: atrás!* Romance.
 VALLE, Dinorah do. *Pau Brasil*. Romance.
 VIANA, Oduvaldo. *Cuatro cuadras de tierra*. Teatro.
 VIEIRA, César. *El juicio de Nicolau II. Rey de los guaraníes y emperador de los mamelucos*. Teatro.

B - Coleção "La Honda":

BETTO, Frei. *El acuario negro*. Conto.
 FRANÇA Junior, Oswaldo. *Carga pesada*. Romance.
 MELLO, Thiago de. *Poesía*. Poesía.
 OROVIO, Helio (Org). *Poesía brasileña siglo XX*. Poesía.

C - Coleção "Cuadernos Casa":

COUTINHO, Carlos Nelson. *Literatura y ideología en Brasil*. Ensaio.

D - Coleção "Nuestros Países":

CANDIDO, Antonio. *Introducción a la literatura del Brasil*. Ensaio.
 MORAIS, Frederico. *Las artes plásticas en América Latina: del trance a lo transitório*. Ensaio.
 RIBEIRO, Darcy. *Las Américas y la civilización*. Ensaio.

E - Coleção "Literatura Latino-americana":

ALENCAR, José de. *El guaraní*.
 AMADO, Jorge. *Gabriela, clavo y canela*.
 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poemas*.
 CALLADO, Antonio. *Quarup*.
 CUNHA, Euclides da. *Los sertones*.
 GUIMARÃES ROSA, João. *Gran sertón: veredas*.
 JESÚS, Carolina Maria de. *La favela*.
 LISPECTOR, Clarice. *La pasión segundo GH*.
 MACHADO DE ASSIS, J. M. *Memórias póstumas de Blas Cubas*.
 MACHADO DE ASSIS, J. M. *Varias historias*.
 RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*.
 REGO, José Lins do. *Niño de ingenio*.

II - BIBLIOTECA AYACUCHO: Coleção "Clássica":

ALMEIDA, José Antonio de. *Memórias de un sargento de las milicias*.
 AMADO, Jorge. *Cacao. Gabriela, clavo y canela*.
 ANDRADE, Mario. *Obra escogida: novela, cuento, ensayo, epistolario*.

ANDRADE, Oswald. *Obra escogida*.
 AMARAL, Aracy (Org.). *Arte y literatura del Modernismo brasileño*.
 ASSIS, J. M. Machado de. *Cuentos*.
 ASSIS, J. M. Machado de. *Quincas Borba*.
 BARRETO, Lima. *Dos novelas. Recuerdos del escribiente Isaías Camina. El triste fin de Policarpo Quaresma*.
 CANDIDO, Antonio. *Crítica radical*.
 CUNHA, Euclides da. *Los sertones*.
 FREYRE, Gilberto. *Casa grande y senzala*.
 HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visión del paraíso*.
 MELO NETO, João Cabral de. *Piedra fundamental. Poesía y prosa*.
 NABUCO, Joaquim. *Un estadista del imperio y otros textos*.
 NABUCO, Joaquim. *Mi formación*.
 RIBEIRO, Darcy. *Las Américas y la civilización*.
 RIBEIRO, Darcy (Org.). *La fundación de Brasil. Testimonios. 1500-1700*.
 ROMERO, Silvio. *Ensayos literarios*.
 VILAÇA, Marcos Vinício. *Señores de la tierra*.
 VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*.

III – EDITORA FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, col. TIERRA FIRME

APPLELBY, David. *La música de Brasil*.
 CHIAMPI, Irleamar. *Barroco y modernidad*.
 CUNHA, Euclides da. *Los sertones*.
 D'ARAÚJO, Maria Celina. *La era de Vargas*.
 GONZAGA, Tomás Antonio. *Marília de Dirceu*.
 JOZEF, Bella. *Antología general de literatura brasileña*.
 ROSA, João Guimarães. *Campo general y otros relatos*.
 SCHWARTZ, Jorge. *Las vanguardias latinoamericanas*.

IV – EDICIONES DE LA FLOR (BUENOS AIRES)

ANDRADE, Carlos Drummond de. *La bolsa y la vida*.
 BORBA FILHO, Hermilo. *Orilla de los recuerdos*. Romance.
 CALLADO, Antonio. *Bar Don Juan*.
 LISPECTOR, Clarice. *El misterio del conejo pensante*. Infantil.
 MORAES, Vinicius de. *Para vivir un grande amor*. Antología poética.
 _____. *Para una muchacha con una flor*.
Nuevos cuentos de Brasil, 1972.

V – GRUPO EDITORIAL NORMA (BUENOS AIRES)

FONSECA, Rubem. *La cofradía de espadas*. Cuentos.
 _____. *Historias de amor. La otra orilla*. Cuentos.

VI – ENSAIOS

BENNASSAR. *La América española y la América portuguesa: siglos XVI-XVIII*.
 3. ed. Madrid: AKAL, 1996.

CANDIDO, Antônio. *Introducción a la literatura del Brasil*. Caracas: Monte Ávila, sd.

____. Uma visão latinoamericana. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flavio (Orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP/Centro Angel Rama, 1993.

CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flavio (Orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993.

COSTA, Horácio. *Mar abierto: ensayos sobre literatura brasileña, portuguesa, hispano-americana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

EDWARDS, Jorge. *Machado de Assis*. Madrid: Omega, 1998.

FERNANDEZ MORENO, César (Org.). *América latina en su literatura*. 5. ed. México: Siglo Veintiuno, 1978.

HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *Las corrientes literarias en la América Hispánica*. La Habana: Instituto Cubano del Libro, 1997.

JOZEF, Bella (Org.). *Antología general de la literatura brasileña*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

PARANÁ, Denise. *Lula, el hijo de Brasil*. Buenos Aires: El Ateneo, 2003.

PIZARRO, Ana (Org.). *La literatura latino-americana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

____. (Org.). *Hacia una historia de la literatura latinoamericana*. México: Colégio de México, 1986.

____. (Org.). *América Latina. Palabra, literatura, cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: Editora UNICAMP, 1993-1995. v. 1: A situação colonial; v. 2: Emancipação e discursos; v. 3: Vanguarda e modernidade.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *Mario de Andrade/Borges*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

RUSSOTTO, Margara. *Musica de pobres y otros estudios de literatura brasileña*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1989.

____. *Arcaísmo y modernidad en José Lins do Rego: Doidinho y la formación del narrador*. Caracas: Tropikos, 1990.

SCHWARTZ, Jorge. *Las vanguardias latino-americanas: textos programáticos y críticos*. Madrid: Cátedra, 1991.

WECKMANN. *La herencia medieval del Brasil: ensayos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. (Col. Tierra Firme.)

ZEA, Leopoldo (Org.). *Historia y cultura en la conciencia brasileña*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. (Col. Tierra Firme.)

VII – REVISTAS – NÚMEROS ESPECIAIS SOBRE LITERATURA BRASILEIRA:

ACTUAL. Otras visiones sobre el paraíso: la literatura brasileña revisitada. Mérida, Venezuela, n. 39, ener.-abr.1998. Organización de Yhana Riobueno.

ACTUAL. Literatura Brasileña: acercamientos críticos. Mérida, Venezuela, n. 44, sept.-dic. 2000. Organización Yhana Riobueno.

ECO. Literatura Brasileña, n. 229, nov. 1980.

ESCRITURA. Teoría y crítica literarias. Literatura Brasileña. 1ª parte. Caracas, v. 14, n. 27, ener.-jun. 1989.

ESCRITURA. Teoría y crítica literarias. 2ª parte. Caracas, n. 28, v. 14, jul.-dic. 1989.

REVISTA DE CRÍTICA LITERARIA LATINO-AMERICANA, Universidade de Pittsburg (EUA), n. 45, 1997; Universidades de Lima (Peru) e de Berkeley (EUA). Organização de Lúcia Helena Costigan.

REVISTA IBERO-AMERICANA, n. 182-183, 1998. Organização de Lúcia Helena Costigan.

VIII – EDITORAS DE JORGE AMADO

- 1) ESPANHA
Barcelona: Bruguera, ECS, Ediciones B, La Magrana, Luis de Caralt, Muchnik, Noguer, Orbis/Origen, Playa Janes, Proa, RBA, Seix Barral, Tusquets.
Madrid: Alianza, El Mundo, Plaza Joven.
- 2) ARGENTINA, BUENOS AIRES
Atlántida, Claridad, Emece, Futuro, Icufl, Iman, Losada
- 3) COLOMBIA, BOGOTÁ
Círculo de Lectores, La Oveja Negra, Los Papeles de Goce
- 4) CUBA
Casa de las Américas, Arte e literatura
- 5) SANTIAGO DE CHILE
Andrés Bello
- 6) VENEZUELA, CARACAS
Ayacucho
- 7) URUGUAY, MONTEVIDÉU
Perebes Unidos
- 8) PARAGUAI
Artemis
- 9) MÉXICO, D.F.
Diana

IX – EDITORAS POR PAÍSES

- 1) ARGENTINA:
Ediciones de la Flor, El Ateneo, Losada
- 2) CHILE:
Editorial Sudamericana Chilena, Editorial Universidad de Santiago
- 3) CUBA:
Casa de las Américas (diferentes coleções)
- 4) ESPANHA:
Aguilar, León y Cal, Alianza/ Losada, Cátedra, Editoriales Akal, Gredos, Lumen, Muchnik & Siruela, Plaza y Janes, Siglo XXI, Visor Libros

- 5) MÉXICO:
Editorial Nueva Imagem, Fondo de Cultura Económica, Col.
Tierra Firme, Grijalbo, Instituto Panamericano de Geografía y
História, UNAM, Siglo XXI
- 6) VENEZUELA:
Ayacucho, Centro de Estudios Brasileños, Centro Simon Bolívar,
Fundarte, Gobernación del Distrito Federal, La Liebre Libre,
Monte Ávila, Memorias de Altagracia, Tiempo Nuevo,
Universidad Central de Venezuela, Tropikos
- 7) COLOMBIA:
Grupo Editorial Norma